

**FESTAS AFRICANAS:  
IDENTIDADE, CELEBRAÇÃO E SOCIABILIDADE ENTRE  
INTERCAMBISTAS EM JUIZ DE FORA-MG**

Aline Cristina Laier  
Rogéria Campos de Almeida Dutra

**Resumo**

O presente artigo pretende apresentar as festas organizadas por estudantes africanos na cidade de Juiz de Fora-MG, analisando-as como narrativas da complexa forma de integração desses jovens na sociedade de destino. Busca-se compreender alguns aspectos da sociabilidade dos estudantes africanos no Brasil, as redes sociais estabelecidas em diferentes escalas, assim como a reelaboração de atributos identitários que se deslocam da nacionalidade de origem para a perspectiva de uma “africanidade” em comum.

**Palavras-chave:** migração estudantil, cultura, festa.

**Abstract**

The current article aims at presenting the parties organized by African students in the city of Juiz de Fora- MG, considering them as narratives of the complex process of immigrant integration in the new society. It also seeks to understand some aspects of the sociability of African students in Brazil, the social networks established in different scales, as well as their identity reformulation that moves from the national origin to the prospect of a common “African identity”.

**Keywords:** Student Migration, Culture, African Parties.

**Introdução**

Este artigo tem como propósito apresentar algumas reflexões a respeito das Festas Africanas realizadas na cidade de Juiz de Fora, MG baseando-se em investigação sobre a migração de estudantes africanos para esta cidade<sup>1</sup>. Participar das festas foi uma estratégia para inserção ao trabalho de campo e, de conhecer, interagir e observar os grupos de estudantes que migraram de países como Angola, Cabo Verde, Guiné – Bissau, Moçambique e Congo, em processo de adaptação e integração nesta cidade que os recebeu.

A sociabilidade virtual exerce um papel fundamental na experiência migratória desses estudantes. Através da internet e suas ferramentas, como as redes sociais e grupos contidos dentro delas – como *Estudantes Africanos em Juiz de Fora, Estudantes*

<sup>1</sup> LAIER, Aline Cristina. *Ensino “além mar” : trajetórias e travessias de estudantes africanos no ensino superior em Juiz de Fora – MG*, dissertação de mestrado apresentado ao Programa de Pós-graduação, da Universidade Federal de Juiz de Fora, em março de 2014.

*Africanos no Brasil*, entre muitos outros - os estudantes ativam uma ampla rede de contato e interações que os mantém conectados uns com os outros no Brasil, com os amigos e familiares na terra natal, em outros lugares do mundo e também com os brasileiros. As festas e demais eventos são divulgados através do *Facebook*, rede virtual que possui recursos diversos para a interação social. Além da página pessoal, os recursos disponíveis neste meio virtual possibilitam a criação de páginas para divulgação de eventos, onde usuários se convidam mutuamente a curtir e a prestigiar as festas africanas. Cria-se o cartaz do evento, com variadas possibilidades estéticas, apresentando informações básicas, como local, horário e preço do convite. Os organizadores convidam seus amigos, que convidam outros, e assim sucessivamente. Os convidados são estimulados a ampliar o número de possíveis participantes, através de mensagens *in box*, ou *posts* públicos na página do evento. As pessoas convidadas têm a opção de clicar em “Participar”, “Talvez”, não “Participar”, o que possibilita a visualização da estimativa do número de pessoas que irão participar. Nestes sítios são também postadas músicas africanas, como uma prévia dos ritmos que serão tocados no evento, geralmente acompanhados de comentários que incentivam a participação dos convidados, como *imperdível, está é para todos dançarem*, entre outras.

Participar destas festas propiciou a ampliação do número de intercambistas na lista de amigos desta pesquisadora no *Facebook*, que acabou por se tornar uma ferramenta analítica importante, uma vez que os *posts* de seus interlocutores, fotos e conversas com outros africanos que estão no Brasil para cursar o ensino superior se tornaram acessíveis. Desta forma, foram empreendidas diversas conversas com estudantes em Campinas, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo, tornando possível realizar observações e interações à distância, além de permitir vislumbrar a rede social forjada por eles no território brasileiro. Apesar do *Facebook* ter sido um ferramenta de grande importância para inserção e análise do universo dos estudantes africanos, este artigo irá tratar das festas propriamente ditas. As festas realizadas por estudantes africanos parece ser um fenômeno recorrente em diferentes cidades brasileiras (GUSMÃO, 2008; MUNGOI, 2006), além disto, em Juiz de Fora elas se tornaram lócus privilegiado do trabalho de campo, pela possibilidade de ouvir, em ambiente mais descontraído, acerca das suas visões de mundo, as experiências no Brasil, em seus países de origem e sobre o processo de deslocamento.

**Mobilidade de jovens africanos para cursar o ensino superior: um breve esboço**

A emigração estudantil de africanos teve início décadas antes do processo de descolonização dos seus países - iniciados a partir de 1950. Aos jovens “*assimilados e evoluídos*”<sup>2</sup>, oriundos das colônias portuguesas e francesas em África, eram concedidas bolsas de estudo para cursar o ensino superior nas metrópoles, já entre as décadas de 1930 e 1950. (MUNGOI, 2008.)

A independência dos países do continente africano, antigas “unidades administrativas coloniais” até meados do século passado, é relativamente recente, assim como o processo político de consolidação dos estados nacionais. Através de ressignificações de sistemas culturais a “ideia de nação” buscou legitimar a unificação administrativa através do compartilhamento de valores, traços, costumes e uma origem em comum. Anderson (2008:170) identifica como principais agentes e protagonistas desta transformação os intelectuais “peregrinos”, grupo composto, sobretudo, pela primeira geração numericamente significativa a receber educação europeia em situação de migração das colônias para as metrópoles.

A migração estudantil, embora tenha fim específico – neste caso, viajar para cursar o ensino superior em outro país –, é consideravelmente complexa devido às diversas motivações e estratégias que os sujeitos elaboram para que seja bem sucedida. Importante faceta dos fluxos culturais da contemporaneidade, operam em diversos níveis e principalmente, realizam-se por intermédio das redes sociais estabelecidas entre o país de origem e o país almejado. O “projeto migratório” não se faz apenas como escolha individual ou familiar: ele conecta conterrâneos nos países de origem e de destino, motivando-os através dos relatos da experiência dos que migraram anteriormente; criando estratégias facilitadoras de todo o processo, do deslocamento à inserção e adaptação nesta nova sociedade que os acolhe. Por isso, a importância de se compreender de que forma a interação dentro desta nova realidade social contribui para que indivíduos e os grupos acionem novas categorias identitárias, operando transformações no plano individual e social. “Ser africano” no contexto de uma juventude universitária, é uma faceta identitária que se (re)afirma cotidianamente; estes

---

<sup>2</sup> Tais termos foram utilizados no contexto da implementação da política de assimilação (*assimilation*) pelos governos português e francês, respectivamente para designar as pessoas que ‘assimilavam’ os valores culturais dos colonizadores, tornando-se cidadãos portugueses e franceses. Essa geração era “composta por uma minoria de jovens que falavam fluentemente português ou francês em seus países de origem e alguns deles chegaram a assumir lugares de destaque nas metrópoles” (MUNGOI, 2008: 14).

estudantes manipulam elementos simbólicos que permitem que sejam identificados como tal pela população de acolhimento: as festas, o sotaque, a língua, por vezes, os trajes e adereços. Esta é a forma pela qual alguns elementos simbólicos são acionados para a afirmação do discurso desta “identidade africana”, ou seja, uma identidade coletiva que se forma no contexto migratório, de modo afirmar como referência a marca que é a do pertencimento comum, e uma possível “identidade continental”.

No Brasil, desde a década de 1960, estudantes provenientes de países como Guiné Bissau, Angola, Cabo Verde, Moçambique, São Tomé e Príncipe, entre outros, cruzam o Atlântico em busca desta formação, com aumento substancial deste movimento a partir da década de 90 do século passado. (MUNGOI, 2004; GUSMÃO, 2008). As motivações são diversas, destacando-se os graves problemas sociais e econômicos dos países de origem, além do baixo investimento no ensino superior, devido à carência de infraestrutura e de quadros docentes qualificados (MUNGOI, 2008). Embora o Brasil ainda apresente dados insatisfatórios no que tange a educação, principalmente no que se refere ao acesso da sua população ao ensino superior, o país se encontra em situação privilegiada em relação aos Países de Língua Oficial Portuguesa - PALOP<sup>3</sup> - e outros países africanos. Além disso, destaca-se que, conforme os relatos destes estudantes, a experiência de “estudar fora” se configura como grande motivador, um diferencial buscado no ato de migrar para estudar. Embora o Brasil não se apresente como destino mais cobiçado entre os africanos – ainda se mantém a tradição do período colonial de terem Portugal como destino mais requisitado -, nosso país tem se configurado como terra de grandes oportunidades em função do maior número de vagas, e portanto, maiores possibilidades de serem aprovados. (FONSECA, 2011; GUSMÃO, 2008).

---

<sup>3</sup> Os PALOP localizam-se em diferentes regiões do continente africano: Angola e Moçambique localizam-se na África Austral enquanto que Cabo Verde, Guiné Bissau e São Tomé e Príncipe localizam-se na África Ocidental. O passado do domínio português cria similaridades, seja no tipo de exploração, no período de guerra pela independência, nos “heróis” que a conquistaram e ao idioma português, herança que remete a consonâncias também com os brasileiros. Apesar da migração estudantil para a cidade de Juiz de Fora não se restringir aos PALOP, é notório que estudantes provenientes destes países sejam maioria na cidade. O argumento da língua portuguesa como patrimônio comum se insere, principalmente, no universo das representações. O idioma oficial dos PALOP - o português - não implica na homogeneidade linguística entre estes países e o Brasil. A língua oficial é ensinada nas escolas e utilizada na comunicação escrita, na formulação de documentos, etc. Mas a língua falada é majoritariamente o crioulo – um tipo em cada país, constituído em uma espécie de “junção” da língua nativa e a língua do colonizador -, que por vezes é falada entre eles também no Brasil. O apelo ao idioma comum possui pontos conflitantes: ele remete ao passado colonial, que portanto deve ser problematizado como tal, uma vez que a herança cultural do português está atrelada a séculos de exploração e dominação. Portanto, o idioma comum perpassa relações de poder inerentes ao campo político, o que na prática ainda está longe de remeter a homogeneidade e união. (RIBEIRO, 2008; GUSMÃO, 2008; LAIER, 2014)

As razões que levam estes estudantes a deixarem seu país em busca de cursar o ensino superior em terras brasileiras não se mantiveram estáticas ao longo do tempo. Se a princípio o Brasil recebera estudantes pertencentes a uma restrita “elite” em seus respectivos países ou refugiados políticos dos mesmos – devido aos diversos conflitos pós-independência ou contextos de fim de ditaduras, como no Congo –, a conjuntura atual mostra que o acesso à migração e os sujeitos que a buscam como possibilidade de emancipação social – individual, familiar e até relativa ao projeto nacional de seus países – vêm aumentando e se diversificando, o que em muito se deve a mudanças no PEC-G, como o aumento do número de vagas oferecidas e a ampliação de países atendidos. Tal fato vem corroborar as análises sobre mobilidade estudantil contemporânea (ARAUJO & BARRETO, 2014), que enfatizam, quando comparadas aos períodos anteriores, o caráter mais democrático. Atualmente o crescimento dos programas para o fomento da mobilidade internacional em universidades federais brasileiras, seja no âmbito do governo brasileiro ou dos países africanos, tem promovido a ampliação do acesso: estudantes de segmentos de camadas médias e camadas populares têm integrado tais programas, mesmo que ainda não sejam a maioria.

Atualmente, a presença de estudantes africanos em Juiz de Fora se dá através do PEC-G – Programa Estudante Convênio<sup>4</sup>– Graduação. Apesar de alguns buscarem por conta própria as instituições privadas de ensino superior, a maioria vem através deste programa oficial, que garante a estes estudantes a oportunidade da formação superior nas universidades públicas do país. Há especificidades para o ingresso e permanência destes estudantes, de acordo com as normas e objetivos do programa com os quais se vinculam. No caso do PEC-G, faz parte das exigências, por exemplo, o retorno destes bolsistas ao país de origem após a conclusão de seus percursos acadêmicos (o estudante só tem acesso ao diploma ao regressar a sua terra natal) além da proibição de que façam seus cursos no período noturno e de trabalharem formalmente no Brasil.

---

<sup>4</sup> O PEC-G foi criado pelo governo brasileiro como um acordo bilateral de cooperação educacional e cultural, com o objetivo de auxiliar a formação superior de estudantes oriundos de países em via de desenvolvimento. Surgiu no ano de 1920 atendendo os países latino-americanos, mas começa a intensificar-se apenas na década de 1940, com o aumento da migração desses estudantes, que vinham na maioria das vezes, por iniciativas individuais e esporádicas mesmo que por intermédio do programa. A partir de 1964, estes convênios passam a ser articulados pelo Ministério das Relações Exteriores (MRE). Do surgimento do PEC-G em 1920 até os dias atuais, foram assinados cinco protocolos entre o MRE e o MEC, onde são definidas e redefinidas as normas de funcionamento do programa. No segundo protocolo, assinado em 1974, o PEC-G passa a abarcar outros países situados fora da América Latina, quando passa a contemplar também os países africanos, notadamente os países membros do PALOP – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa. (MUNGOI: 2008) Mais informações: <http://www.brasil.gov.br/sobre/educacao/educacao-para-estrangeiros/programa-pec-g>

Em linhas gerais, os grupos com os quais convivi durante o trabalho de campo nas festas africanas, são jovens, na sua maioria rapazes, naturais de Guiné-Bissau, Cabo Verde, Angola, Moçambique e Congo, cursando o ensino superior, ou pós-graduação, na Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF - e faculdades particulares da cidade. Observando a forma com que se apresentam durante o convívio com amigos, nas redes sociais, ou nas próprias festas, acionam principalmente a sua origem estrangeira – guineense, moçambicana ou mesmo africana - em detrimento à referência ao pertencimento religioso ou mesmo à etnia. Grande parte destes jovens são oriundos de famílias que possuem meios para financiar os trâmites burocráticos, a viagem e também a estadia do estudante durante o curso, ou seja, representantes das elites administrativas ou de setores da classe média urbana. Há, contudo, algumas exceções que trazem nas trajetórias a origem de um ambiente familiar e social carente, e a experiência de trabalhar, juntar dinheiro atrelada ao “sonho” e/ou “objetivo” de cursar o ensino superior em outro país.

As interações destes jovens africanos estão configuradas em redes que extrapolam o território de Juiz de Fora, fato também observado por Mungoi (2008) em sua análise sobre os estudantes africanos na cidade de Porto Alegre. Nem todos os africanos estabelecem relações próximas e diretas uns com os outros; os vínculos são constituídos a partir de experiências de amizade, parentesco, vizinhança, coabitação e condição socioeconômica. Estudantes provenientes dos mesmos países tendem a ser mais unidos e também a morarem juntos, considerando também a afinidade por gênero. As atividades de lazer emergem no contexto de interação entre africanos e as redes estabelecidas na cidade de destino, através de visitas mútuas, ocasionais ou programadas; jogos de futebol, churrascos, além de encontros em lanchonetes, bares e festas por eles organizadas. Estas atividades possibilitam não somente o estabelecimento e manutenção dos vínculos entre estes migrantes como também a ampliação dos laços com outros jovens que compartilham o mesmo universo universitário.

### **Festas africanas em Juiz de Fora**

As festas africanas na cidade de Juiz de Fora vêm sendo realizadas há cerca de dezesseis anos – em 1998 ocorreu I Festa Africana-, e ao longo do tempo foram se proliferando. São eventos diversificados, em diferentes escalas de “produção”,

realizados por estudantes ou ex-estudantes africanos que migraram para cursar o ensino superior. As festas aqui tratadas ocorreram entre setembro de 2012 e julho de 2013, período em que a cidade assistiu a vários eventos promovidos pelos estudantes africanos, tais como *Reveillon Conexão África*<sup>5</sup> e a *XV Festa Africana de Juiz de Fora*.

O discurso apresentado por estes jovens, sobre as motivações para realizar estas festas, é o de criar um espaço de celebração entre os africanos oriundos de diferentes países e entre estes e os brasileiros, de forma a celebrar e apresentar, para a sociedade juizforana, a “cultura” de seus países, através das músicas, das danças, e em algumas festas, da comida típica.

As festas observadas seguem certo padrão: de público, tipos musicais, danças e o tipo de sociabilidade que produz. Os gêneros musicais preferidos dos estudantes africanos, geralmente tocados nas festas são: o zouk<sup>6</sup>, gumbé<sup>7</sup>, semba<sup>8</sup> e kuduro<sup>9</sup>. As pessoas dançam juntas ou acompanhadas, dependendo do estilo musical, ou em rodinhas, onde cada um faz sua performance individual. Os homens são dançarinos mais performáticos que as mulheres: eles rebolam e passam a mão pelo corpo. Por vezes formam-se rodas separadas entre mulheres e homens, onde as rodas dos homens são bem mais agitadas. Por outras, acontecem rodas mistas, onde homens e mulheres

<sup>5</sup> O *Reveillon Conexão África* foi uma festa realizada para a comemoração da virada do ano de 2012 para 2013, organizado por estudantes de Guiné Bissau. O evento reuniu estudantes ou ex-estudantes de várias cidades do sudeste brasileiro: Campinas, São Paulo, Rio de Janeiro, Viçosa e Belo Horizonte. Além dos africanos – a maioria de Guiné-Bissau – alguns brasileiros também participaram do *Reveillon Conexão África* (LAIER, 2014).

<sup>6</sup> Zouk é um estilo musical que surgiu nas Antilhas, um arquipélago ao leste da América Central. A palavra Zouk significa “festa”, presente em países que passaram pela colonização francesa. Mais informações em: <http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/48656/historia-do-zouk>; <http://www.soulzouk.com/pt/em-foco/440-zouk-historia-completa-do-zouk>

<sup>7</sup> O gumbé é um estilo de música urbana guineense/africana, melodia que acompanha os poemas dos djidiu nascida da fusão da música crioula *Badjo Di Sala* com a música nativa; surgiu no princípio da segunda grande guerra. (SKINNER, 1978: 199). Mais informações: <http://www.gumbe.com/category/historia-de-gumbe/> ; <http://dcefeevale.files.wordpress.com/2012/05/projeto-batucada-cultural-vera-lucia-flores-2.pdf>

<sup>8</sup> Semba é uma das danças e gêneros musicais mais populares de Angola. Surgiu no país durante os anos 50 e 60, começando tradicionalmente com danças de salão urbanas. Segundo Castro (2011) o semba simboliza esse momento crucial na história de Angola, no final do período colonial, quando uma nova concepção de “angolanidade” surgiu engajado a nação. Etimologicamente, a palavra semba, dentre outros sentidos, significa “umbigada” em quimbundo, uma das línguas de Angola. O semba deu origem a vários outros estilos como o samba brasileiro, a kizomba, e o kuduro. (CASTRO, 2011; MENEZES, sem data). Mais informações em: [http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308332993\\_ARQUIVO\\_OSAMBANOAT\\_LANTICONEGRO1.pdf](http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308332993_ARQUIVO_OSAMBANOAT_LANTICONEGRO1.pdf); <http://dancas-africanas.blogspot.com.br/2008/12/semba.html>; <http://www.maiskizomba.com/noticias/1711-historia-do-semba>

<sup>9</sup> O Kuduro é um estilo de música e dança que surgiu em Angola na década de noventa e se espalhou por vários países. (MARCON, 2013) O nome kuduro advém de um dialeto, que tem origem no kimbundo, uma das línguas de Angola. Mais informações em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/historia/article/view/29868/16489> ; <http://www.significados.com.br/kuduro/>

dançam, um por vez ou em duplas, em seu centro. Além desses estilos africanos, tocam músicas brasileiras como funk, sertanejo universitário, samba, pagode e de outras nacionalidades, como o hip hop americano, de grupos africanos e brasileiros, – com canções em inglês, português ou crioulo –, onde a forma de dançar – rodas ou casais – também varia com o estilo musical.

A maioria dos participantes dos eventos é composta por africanos ou negros. Em todas as festas contempladas pela pesquisa, entre os brasileiros presentes, os brancos eram nítida minoria, o que nos leva a pensar numa espécie de identificação étnica e/ou racial com os africanos. As relações de gênero também se mostraram relevantes, pois grande parte dos brasileiros presentes nestes eventos era composta por mulheres, em contrapartida à maioria dos estudantes africanos, composta por homens. As africanas estavam nitidamente em menor número e, geralmente, acompanhadas por outros africanos; durante esta pesquisa evitavam sutilmente a aproximação, se mostrando bem mais reservadas que os rapazes. Estes eventos são organizados<sup>10</sup> pelos próprios estudantes africanos, variando a composição de acordo com o tipo de festa. Alguns são, inclusive, visualizados como “produto” por seus organizadores, ou seja, a festa é vista como empreendimento financeiro, no qual a organização busca atrair o maior número possível de pessoas.

A seguir tratarei de forma mais detalhada sobre a *XV Festa Africana de Juiz de Fora*, evento que mobiliza grande parte dos estudantes africanos, que se apresenta como evento já consolidado na cidade, reunindo estudantes de diferentes países, inclusive como participantes da comissão organizadora. Além de atrair africanos e brasileiros de várias cidades do sudeste brasileiro, esta festa é considerada tradicional entre os jovens da cidade, que exaltam a animação, diversão e “exotismo” da comemoração dos africanos.

### **A XV Festa Africana de Juiz de Fora – MG**

---

<sup>10</sup> A organização do *Reveillon Conexão África* e da *XV Festa africana de Juiz de Fora* mostrou algumas semelhanças quanta a divisão de tarefas entre os estudantes. Estas são definidas em função de habilidades, sexo e disponibilidade de tempo. As mulheres ficaram por conta do preparo da comida e se for o caso, a ornamentação do salão. Já os homens ficam por conta da compra das bebidas, da escolha do Dj e das músicas.

Em sua décima quinta edição, esta festa contou com o financiamento da Universidade Federal de Juiz de Fora e das instituições particulares de ensino superior da cidade, além do apoio da administração municipal. O evento, realizado no dia 15 de junho de 2013, com seu início previsto para as 22h, teve a coordenação sob responsabilidade de uma comissão formada por estudantes africanos advindos das diferentes instituições de ensino superior da cidade.

Os convites eram limitados, vendidos a R\$40,00 para residentes em Juiz de Fora; em praticamente todas as festas havia uma diferenciação nos preços dos ingressos para os que moram fora, que têm o incentivo do convite a preço reduzido.

A festa foi realizada no salão do Clube Bom Pastor, tradicional clube da cidade localizado em bairro de classe média. Na chegada, havia uma grande fila, com pessoas de várias idades e grupos familiares inclusive pessoas mais velhas, na faixa de 50 e 60 anos, demonstrando a popularidade do evento.

Conheci muitas pessoas durante a festa: senhoras idosas, casais, um senhor viúvo que estava sozinho; muitos estavam na festa africana no mínimo pela segunda vez e diziam que se informaram da festa com amigos que tinha ido e que tinha gostado muito do evento. Uma jovem disse que era sua primeira vez na festa, mas que suas primas já tinham participado várias vezes e que insistiram para que ela fosse para ver *...como eles sabiam se divertir*.

Aos poucos a festa foi enchendo, começaram a chegar os estudantes africanos com suas famílias e amigos, alguns já conhecidos e outros que me eram estranhos; além de crianças e bebês, filhos de africanos que nasceram no Brasil e também senhores e senhoras de idade. Alguns homens e mulheres estavam com trajes típicos: vestidos de conjuntos com estampas típicas da África<sup>11</sup> - e/ou de seu respectivo país -, e algumas mulheres usavam penteados altos e tranças diversas.

Como era informado no cartaz, o evento contava com as seguintes atrações: *apresentação de danças e desfile com trajes típicos e degustação de comidas típicas*.

O salão do clube estava organizado de acordo com a dinâmica do evento: um palco no centro – no qual estava montada a mesa de som-, com o “camarim” e a cozinha atrás, e

---

<sup>11</sup> Perguntei a Antônio sobre o nome – ou os nomes - dos trajes típicos usados no evento. Ele me disse que era “roupa africana” e que não sabia de um nome específico: *minha mãe comprou um para eu trazer, mas acabei emprestando a um professor meu e ficou com ele. Eu não ligo pra isso não* (Antônio, 29 anos, guineense, estudante de administração em uma IEF particular de Juiz de Fora).

em frente, um grande espaço reservado para a pista de dança, rodeado por mesas para os convidados, aproximadamente 24 mesas, com seis cadeiras cada.

Por volta da meia noite a festa já contava com um número considerável de pessoas, quando uma das organizadoras do evento pediu silêncio para dar início às apresentações. A primeira se iniciou com um rapaz congolês, fazendo uma dança e tocando um tambor, dança que simbolizava toda a cultura africana. A segunda apresentação, que era uma espécie de continuação da primeira, foi com um grupo de rapazes e moças – de Guiné-Bissau, Cabo Verde, Angola e Moçambique - com saias de palha, que dançavam também ao som do tambor – tocado pelo rapaz da primeira dança. Durante a apresentação cada um dos componentes do grupo ia até a frente, batiam os pés, reboavam e giravam. Faziam em meio à apresentação coletiva uma apresentação particular. Enquanto isso a apresentadora lembrava ao público que o espetáculo *representava a ginga, o ritmo e a beleza africana*. Cada apresentação individual despertava uma reação do público. Ao irem à frente a apresentadora dizia o nome e o país de origem do estudante que dançava. Os homens eram nitidamente mais aplaudidos. Algumas mulheres gritavam coisas como *Lindo! Gostoso!* A plateia feminina além de ser maior era bem mais “atirada”. As moças também arrancavam aplausos, mas era necessário que a apresentadora incentivasse o público um pouco mais dizendo: *Aplausos para – o nome da menina – minha gente! Olha que linda!*

Depois deram início aos desfiles com trajés típicos e penteados no estilo africano, em sua grande maioria tranças. Após os desfiles todos entraram e desfilaram juntos. Ocorreram mais três apresentações: um rapaz caboverdiano que apresentou sozinho uma dança típica do seu país chamada funaná, e um grupo de mulheres que celebravam *a beleza e a fertilidade das mulheres de Angola*. E para finalizar, a apresentação de uma dança entre casais, com o ritmo semba, de origem angolana.

Após a apresentação todos voltaram a seus lugares e a música ficou por conta do Dj. Depois de algum tempo a comida foi servida numa mesa colocada ao lado do palco – antes os garçons estavam servindo salgadinhos nas mesas. Alguns pratos eram semelhantes aos servidos no *Reveillon Conexão África*: “Cachupa com milho” – prato típico de Cabo Verde, preparado com carne de boi, bacon, milho e feijão -, “Cafriela” - prato típico de Guiné-Bissau à base de frango com muito limão depois passado na churrasqueira -, “Caldeirada”- prato de origem portuguesa adaptado em Guiné-Bissau, preparado a base de legumes, carne (peixe ou frango) e caldo de amendoim - tendo como acompanhamento o arroz branco. A comissão organizadora negocia quais serão os

pratos escolhidos para “representar” a culinária dos países dos estudantes. Contudo, vale observar que, nesta festa, a diversidade das nacionalidades africanas presentes não estava completamente representada nesta seleção de “pratos típicos”. Diferentemente da comida servida no réveillon, esta não estava apimentada. Apesar da queixa de algumas pessoas sobre a falta da pimenta, os organizadores decidiram por servir a pimenta em recipiente à parte, como opcional, argumentando que muitos brasileiros não gostavam tanto deste ingrediente quanto eles.

Em seu auge, a festa devia conter mais de 500 pessoas. Aqueles que participaram das apresentações trocaram suas roupas e dessa forma confundiam-se no salão. Muitos brasileiros ensaiavam movimentos corporais similares aos apresentados pelos africanos. Assim a festa seguiu, com os ritmos brasileiros e africanos se revezando na caixa de som. Foi uma festa descontraída e extremamente alegre, como me alertaram os africanos e até os brasileiros com quem conversei por lá.

Já bem tarde, montaram uma mesa com frutas e um bolo para cantarem parabéns. Perguntei a um dos africanos para quem cantavam e ele me disse que a festa era em celebração ao aniversário da África. Perguntei: quantos anos? E ele me disse “algo em torno de 500”. Segundo este rapaz, eles celebravam o aniversário da “descoberta” da África, com a chegada dos portugueses. Posteriormente, com a ajuda de um dos organizadores deste evento, descobri que a leitura deste rapaz sobre o aniversário da África não era consenso, pois afirmou que a Festa Africana tinha como propósito a celebração do aniversário da criação da OUA – Organização da Unidade Africana<sup>12</sup>. Este fato mostra motivações e interpretações distintas sobre a realização e importância da festa entre os estudantes africanos.

A festa foi até tarde, o dia amanheceu quando se foram os últimos convidados. Os envolvidos na organização terminavam de arrumar o salão, alguns dormiam em cadeiras, vencidos pelo cansaço. Foi quando os que trabalharam no evento começaram

---

<sup>12</sup> A Organização da Unidade Africana (OUA) foi criada a 25 de Maio de 1963 em Addis Ababa, na Etiópia, através da assinatura da sua Constituição por representantes de 32 governos de países africanos independentes. A Organização da Unidade Africana proclamou em 1981 a Carta Africana de Direitos Humanos e de Povos, que reconhecia princípios da Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 e adicionava outros que tradicionalmente se tinham negado na África como o direito de livre determinação ou o dever dos Estados de eliminar todas as formas de exploração econômica estrangeira. Mais informações em: [http://www.portalangop.co.ao/motix/pt\\_pt/noticias/sociedade/2012/11/49/Assinala-segunda-e](http://www.portalangop.co.ao/motix/pt_pt/noticias/sociedade/2012/11/49/Assinala-segunda-e) e [http://www.fd.uc.pt/CI/CEE/OI/OUA/acto\\_constitutivo-uniao-africana.htm](http://www.fd.uc.pt/CI/CEE/OI/OUA/acto_constitutivo-uniao-africana.htm)

uma “outra festa” – como declarou um deles. Por volta das dez da manhã alguns poucos ainda ficaram para finalizar a limpeza do salão.

### **Celebração e confraternização entre estudantes africanos e brasileiros**

Compreender a migração estudantil de africanos para o Brasil e o contexto lúdico do ambiente universitário; assim como as experiências vivenciadas na interação com os brasileiros, nos leva à tentativa de apreender algumas das especificidades essenciais das sociedades contemporâneas: a fragmentação e recomposição identitária através de um permanente vai-e-vem entre mundos possivelmente distantes.

Ao se apresentarem como festas “africanas” – ou conforme o convite para eventos como o *Reveillon Conexão África*, “Venha curtir o melhor da África com a gente” - observa-se a reiterada ênfase no continente em detrimento dos países que o compõem, reforçando formas de “apresentação de si” que os situe na sociedade na qual buscam se inserir. As festas, neste sentido, se realizam nos termos da existência de uma “comunidade africana” articulada em redes sociais<sup>13</sup>, pois é através destas redes e suas conexões que as festas são pensadas, organizadas e divulgadas. Comunidade não pensada como um grupo coeso e fechado, mas entendida como um conjunto de laços e vínculos de solidariedade e apoio mútuo, amenizadores de tal maneira em que o “estar longe de casa” possa ser sentido de forma menos intensa. (WEBNER, 2005). Estes eventos, contudo, não somente acionam redes já estabelecidas – principalmente entre os africanos residentes em diferentes localidades no Brasil – como também ampliam contatos. Uma perspectiva que indica serem as redes sociais estruturas coletivas consolidadas que possibilitam o processo migratório, mas que estão constantemente em processo de mudança e reorganização (TILLY, 1990).

Comunidades e redes sociais, forjadas sob a égide do pertencimento comum, são importantes na medida em que buscam transcender as relações de sujeito a sujeito. Compatriotas guineenses, por exemplo, se ajudam em contexto migratório mesmo que

---

<sup>13</sup> As reflexões sobre as redes sociais durante a pesquisa de mestrado mostram, por exemplo, que a família e a rede de amigos que já se encontram no Brasil são determinantes para a decisão de migrar e também na escolha da cidade e instituição de ensino para cursar o ensino superior. Os relatos também apontam para as limitações institucionais no cumprimento das demandas acordadas entre o governo brasileiro e seus países de origem, como dificuldades em se comunicar com a embaixada de seus países, a falta de apoio para conseguir moradia, entre outros. Sendo assim, as redes sociais se tornam o principal mecanismo para a chegada e permanência dos estudantes africanos no Brasil (LAIER, 2014).

não tenham se conhecido previamente no país de origem, e o mesmo se aplica a “compatriotas africanos”. Nas festas principalmente, a solidariedade que remete ao pertencimento continental, pode ser considerada sob o ponto de vista de uma “comunidade imaginada”<sup>14</sup>, pensada como um laço histórico e simbólico que os une. A unidade continental africana não é uma novidade, faz parte da história das independências de seus países e da retórica nacionalista, que acionaram como atributos identitários, a sua unidade, o que se formalizou institucionalmente através da criação da OUA, em 1963<sup>15</sup>.

Os “pratos típicos”<sup>16</sup> apresentados nas festas, inclusive anunciados em sua divulgação, são representativas desta forma criativa com que os pertencimentos são construídos. Tal como indicado por Mungoi (2008), a respeito das festas africanas em Porto Alegre, os pratos nem sempre se apresentam em sua forma “original”, sendo “reinventados” de acordo com as circunstâncias, seja pela falta de ingredientes – como foi o caso do *Reveillon Conexão África*, onde o prato “Caldeirada” foi preparado com menor variedade de legumes, pois alguns estavam em falta no supermercado -, seja pela adequação aos paladares estrangeiros – como a ausência de pimenta nos pratos “Cachupa com milho”, “Cafriela” e “Caldeirada”. Além disto, a flexibilidade da representação - o fato dos países dos estudantes não estarem todas representados em sua forma culinária - indicam a preeminência do atributo “africano”, na sua forma de mosaico, composto da diversidade interna, mas ainda um coletivo – em detrimento das marcas nacionais.

Anfitriões e convidados vivem simultaneamente momentos de familiaridade e exotismo. Aos olhares dos brasileiros, os africanos possuem pleno conhecimento de tudo o que abarca as facetas culturais representadas, como se tudo lhes fosse familiar.

---

<sup>14</sup> Nação como uma comunidade, concebida enquanto uma estrutura horizontal da sociedade, na qual existe a possibilidade de membros de diferentes classes e posições sociais estarem associados a um “projeto em comum”; e “imaginada”, porque na mente de cada indivíduo reside uma imagem da comunidade da qual participam, mesmo que seus limites não existam empiricamente. Neste trabalho, utilizamos o conceito de modo similar, porém para nos referirmos a uma “identidade continental”, que possibilite compreender a identificação destes estudantes com o continente africano, “cuja perspectiva considera suas origens históricas, e a forma pela qual seus significados se transformaram ao longo do tempo, de modo a disporem atualmente, de maneira semelhante aos nacionalismos, de uma legitimidade emocional tão profunda. (ANDERSON, 2008: 30)

<sup>15</sup> Vide nota na página 12.

<sup>16</sup> Como outras expressões da vida social, os hábitos alimentares podem ser considerados como operadores de distinções, pois demarcam fronteiras de modo a impor uma divisão legítima do mundo social. Podem ser percebidos como textos que narram a história de constituição de um grupo, bem como sua contextualização presente, traduzindo, simultaneamente o código de valores que orientam a prática social. Por sua contribuição ao processo de singularização cultural, eles participam da própria representação que o grupo faz de si, da constituição de sua identidade. (DUTRA, 2004 :107)

No entanto, há grande diversidade de contextos nacionais assim como de universos sociais em um mesmo país, como aspectos religiosos, étnicos e socioeconômicos. O caso do rapaz africano que identificava a *XV Festa Africana* como comemoração do aniversário de “descoberta” da África pelos portugueses é emblemático, uma vez que indica que as noções sobre os costumes, valores sociais e políticos do continente africano, vivenciados na sociedade de origem e (re)construídos no contexto migratório, são diferenciados.

Apesar dos momentos de celebração da origem comum, da comunhão de ritmos e sabores presentes na experiência das festas, sua organização pode revelar tensões entre grupos e subgrupos – como os formados por nacionalidades ou instituições de ensino em comum, moradia compartilhada ou vizinhança. Durante a organização da *XV Festa Africana*, tratada anteriormente, alguns estudantes saíram da comissão do evento por não concordarem com a forma pela qual esta era conduzida; reclamaram quanto à falta de iniciativa de parceiros, pelo fato de estarem na comissão, mas trabalharem “pouco”. Desta forma, o processo de preparação das festas nem sempre é pacífico, pois os grupos possuem diversidades, que sob alguns olhares externos podem parecer homogêneos.

### **Festividade e celebração de uma identidade continental**

Refletir acerca das festas promovidas por estudantes africanos em contexto migratório abre margem para diferentes abordagens teóricas. Pensa-las como um ritual de solidariedade e afirmação dos pertencimentos é uma das possibilidades que se coloca. Outra, é pensar as festas como empreendimentos financeiros, ou até mesmo a possibilidade de se criar uma “tradição” destas festas e eventos, para que elas possam acontecer com certa regularidade e se tornar uma fonte de renda fixa. Foi este o caso de três festas organizadas por guineenses, duas festas *Conexão África* e o *Reveillon Conexão África*: um dos principais organizadores relatou o seu desejo em se tornar um “promotor de eventos africanos”. Vale também destacar a criação de uma espécie de “agência” de eventos – PPS Produções<sup>17</sup> - , formada por angolanos, para a promoção de festas com fins lucrativos.

<sup>17</sup> PPS Produções se apresenta no Facebook da seguinte maneira. *Quem somos: Os PP'S é um grupo de ANGOLANOS, que residem no Brasil, no estado de Minas Gerais na cidade de JUIZ-DE FORA. Este grupo tem como objetivo organização de eventos e reunir a comunidade africana que cá reside. De forma recordar os sons da terra, e divulgar um pouco da cultura AFRICANA.* Mais informações em : <https://www.facebook.com/pps.pro/about?section=bio>

No campo antropológico as práticas rituais entre diferentes grupos sociais no solo africano, o ato de festejar, cantar e dançar, se constitui objeto de reflexão de diferentes pesquisadores. A análise desenvolvida por Clyde Mitchell (1966) sobre a *Dança Kalela* nos interessa em particular, por ser uma dança realizada no contexto urbano no Cinturão de Cobre na região da Rodésia do Norte - atual Zâmbia - que dramatiza a complexa relação entre brancos e negros de diferentes aldeias naquela sociedade. A grande ênfase dada pelos jovens negros aos trajes “corretos”, trajes finos, nesta dança, é apresentada por Mitchell como um valor presente entre a população negra urbana naquele contexto, um recurso através do qual estes migrantes pudessem ter acesso ao status de civilizado, exibido e valorizado pelos europeus. (Ibid., 1966)

Não é nosso intuito fazer uma transposição direta da análise de Mitchell para refletir a respeito das festas africanas em Juiz de Fora, mas alguns elementos destacados por Mitchell pode nos servir de inspiração. A primeira questão que se apresenta, ao se analisar o comportamento dos estudantes africanos investigados, é a valorização dos trajes finos, a preocupação de se apresentar de forma “impecável”, “bonito”, “bem vestido”, seja no dia-a-dia, seja nos momentos das festas. Com um olhar atento, era possível reconhecer um africano entre os brasileiros nos eventos pela elegância com a qual se vestiam e pela altivez do porte, algo que se diferenciava do jeito informal da maioria dos estudantes brasileiros que apresentam um estilo mais “descolado” ou mais simples, de se vestir. Vestem-se impecavelmente, com “roupas de marca”, sempre muito perfumados. Geralmente estão de camisa social; alguns usam cintos com pedras brilhantes (strass) que trazem a inicial de seus nomes.

Durante a festa *Reveillon Conexão África*, por exemplo, os trajes sofisticados se destacaram. Um jovem estudante africano presente na festa comenta a respeito do principal organizador do evento, que às duas horas da manhã ainda não havia chegado: [...] *os africanos gostam de chegar tarde mesmo, no meio da festa, pra causar ‘aquele impacto’.* A gente é muito vaidoso. Outro rapaz acrescentou: *É, a gente gosta de ser visto, de ser notado.*

Na XV *Festa Africana de Juiz de Fora*, além desta estratégia de demarcação de uma particularidade através de roupas sofisticadas, o vestuário tem momento de destaque através da apresentação de trajes e danças “típicas”. As duas primeiras danças, nas quais estudantes de diferentes países se apresentaram, foram emblemáticas: as mulheres com a camisa de evento e saias de palha, pulseiras de palha nos calcanhares e uma espécie de “cordão” de palha amarrado ao redor da cabeça, e os homens sem

camisa e usando também as saias e cordões de palha. A alusão que faz esta performance é de uma cultura africana “unificada”, pelas origens tribais em comum, que se concretiza pela vestimenta comum, no toque do tambor, na batida forte e na dança - o rebolado, a gira, e as batidas do pé no chão.

É significativo que uma dança que remete à “África” faça abertura às outras apresentações que trazem os elementos culturais – como a dança, música, roupas e penteados – dos países específicos desses estudantes. A última apresentação foi uma dança de casais angolana, embalado pelo ritmo semba, na qual as roupas usadas aproximavam-se de um estilo de vida mais contemporâneo, ou seja, urbano. Apesar da estampa da blusa das mulheres em estilo africano, a composição do traje era o que podemos dizer de mais ocidental, uma saia e um blazer preto, estilo fino e sapatos de salto alto. Já os rapazes usavam calça jeans, blusa preta com a *logo* do evento e sapatos pretos. Podemos interpretar assim, como os trajes nesta festa podem tematizar a cultura, e/ou as culturas africanas em processo de transformação, rememorada por esses sujeitos pela afirmação de sua origem e também por sua condição de migrantes, que os levam a reconhecer e valorizar aspectos culturais do passado e do presente. Nota-se o dinamismo operado pela festa, onde se articulam estreitas e complexas relações de *hibridação com a tradição e com a modernidade*, pois ambos os aspectos a compõe (PÉREZ, 2012:32), como podemos observar na primeira dança que remete a uma origem tribal – e a África como um todo e suas vestimentas mais “arcaicas”-, e no semba, dança mais contemporânea no qual o figurino apresentava uma mescla entre trajes africanos e ocidentais.

Outra questão fundamental na análise de Mitchell sobre a dança *Kalela* é que esta se apresenta como uma narrativa das relações sociais. É emblemática, pois como rito, fala do vivido, das relações entre africanos de diferentes tribos neste contexto; se referem a uma existência urbana que tende a atenuar essas diferenças e aprofundar outras, através de uma nova forma de segmentação dos grupos, baseada na posição dos indivíduos na estrutura social agindo *corporativamente em situações políticas, devido a posição peculiar que compartilham: africanos perante os europeus e vice-versa* (Ibid., p.56). As festas africanas também podem ser consideradas “dramáticas” sob a perspectiva de Turner (2013), tematizando certa experiência de *liminaridade*, emergindo nos *interstícios da estrutura social*. Neste sentido, dramatizam o processo migratório e a integração na sociedade de destino. É uma forma de se unirem “contra”

sociedades mais amplas, na qual se inserem como “estrangeiros<sup>18</sup>”, e que de muitas formas, lhes são estranhos.

Observa-se nestas festas, e em particular na *XV Festa Africana de Juiz de Fora* a construção de um “espetáculo” que busca exibir performaticamente a cultura africana. A trajetória que inicia com a dança tribal, os desfiles das roupas e da beleza africana, até a dança do semba, com aspectos mais atuais. Enfatiza através da celebração do aniversário da OUA, com bolo, mesa de frutas e o ato de cantar “Parabéns para você” a união de um continente que busca reverter a situação desfavorável no contexto internacional. O parabéns que os africanos cantam é de uns para os outros, de africanos para africanos, e o mais importante, dos brasileiros para eles. Portanto, a festa não é um “ritual” trazido de seus respectivos países para ser meramente reproduzido, é algo novo que se apresenta no contexto migratório, contido na celebração “afirmativa” das manifestações culturais do continente africano em homenagem ao Dia da África. De acordo com Elton<sup>19</sup>, doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Economia da UFJF,

[...] a festa para nós possui um significado transcendental, que remonta o início da colonização, os cinco séculos de exploração e imperialismo. Na ocasião da criação da OUA [Organização de Unidade Africana], os países já independentes tomaram a iniciativa para libertar os que ainda estavam sobre o jugo do colonizador. É o contrário da descoberta. O que comemoramos, além da independência é a luta conjunta pelo desenvolvimento do continente, a erradicação da pobreza e a implementação da democracia.

Neste contexto, a comemoração remete a uma memória coletiva, elucidando o pertencimento comum e a luta pelas conquistas, que segundo o estudante, já produziu efeitos significativos:

[...] na festa queremos mostrar o que é a cultura africana e o que ela representa para nós. Durante cinco séculos os europeus arrancaram tudo que era possível do continente. Agora dizem que o continente é pobre. Há uma diferença entre ser pobre e ser empobrecido. Nos fomos empobrecidos por eles. O que nos resta hoje de mais importante foi o que eles não conseguiram nos tirar: nossa cultura, a nossa alegria e vontade de viver, obstante todas as dificuldades. E o que as comunidades de africanos em outros países buscam manter viva, essa chama e a vontade de mudar a realidade do nosso continente.

<sup>18</sup> Tomamos de empréstimo o conceito de estrangeiro de Simmel: “os estrangeiros não são realmente concebidos como indivíduos, mas como estranhos de um tipo particular, o elemento de distância não é menos geral em relação a eles que o elemento de proximidade.” (1983 :187)

<sup>19</sup> Todos os nomes apresentados são fictícios, para preservar a identidade dos interlocutores da pesquisa.

Na perspectiva de Elton, e de outros estudantes, a festa, além de reafirmar valores culturais de uma origem comum, possui conotação política de afirmação do continente africano na dinâmica de poderes da geopolítica mundial, já que a presença deles no Brasil, como estudantes universitários, faz parte de um projeto mais amplo em termos sociais, que visa a preparação de uma juventude que possa assumir um protagonismo profissional e econômico em seus países de origem e no continente como um todo.

De certo modo, as tradições africanas encenadas pelos estudantes através das festas em cidades brasileiras<sup>20</sup>, se manifestam como ressignificações simbólicas, fruto dos fluxos culturais coloniais e pós-coloniais, fazem parte destas ressignificações, que acontecem através de estratégias de assimilação de costumes que lhe foram impostos e dos costumes existentes antes do período colonial. As danças africanas, por exemplo, passaram por diversas transformações tanto na sua forma de apresentação, os motivos pelos quais são realizadas e os objetivos de tais celebrações.

### **Festas, cultura e “cultura”: diferenças e pertencimentos que se reconstruem no processo migratório**

Há um paradoxo nas Ciências Sociais sobre as análises das festas que é a *ambiguidade entre o reconhecimento da centralidade da festa na vida social e um estatuto próprio para ela* (O.VELHO, 2012: 9). A festa, nos estudos clássicos antropológicos foi constantemente referida, portanto central, mas para apontar outras realidades consideradas mais importantes em relação às quais se reduziria a um mero epifenômeno. Trata de um momento extra-ordinário, oposto à estabilidade cotidiana:

[...] as manifestações festivas marcam tempos fortes, os momentos culminantes, as alternâncias de ritmo e de intensidade da vida individual e coletiva, a periodicidade das passagens, articulando tradição e modernidade, passado e presente, lançando perspectivas de porvir, mostrando-nos que a vida pode ser uma efervescente experiência de gozo e dissipação. (PÉREZ, 2012:13)

O tema das festas esteve presente na nascente sociologia com Durkheim(2000), para quem elas possuíam a intrínseca qualidade de reafirmar laços sociais que estariam

<sup>20</sup> Durante a pesquisa de mestrado, foi possível observar através de *posts* e eventos no *Facebook*, que a realização de festas por estudantes africanos no Brasil acontece com grande frequência, sendo uma característica importante da sociabilidade destes estudantes em contexto estrangeiro. Pude tomar conhecimento de festas em Recife, Natal, Rio de Janeiro e São Paulo, sendo inclusive convidada para algumas delas.

continuamente em risco de serem desfeitos. Seja por superar a distância social, por permitir um estado de efervescência coletiva ou abrigar transgressões coletivas, as festas possibilitam que grupos reanimem *periodicamente o sentimento que tem de si mesmo e da sua unidade* (Ibid.,2000 :416). São capazes de mudar as condições das atividades psíquicas dos indivíduos, onde as paixões ficam mais vivas e as sensações mais fortes. Para garantir este “estado de alma”, contribuem os elementos que estão geralmente presentes em todas as festas: música, bebida, dança, comida, comportamentos ritualizados, sensualidade, etc.(AMARAL, 1998).

Possuem ainda a característica de oscilarem entre cerimônia e festividade. A cerimônia, como forma exterior regular de um culto, e a festividade, uma demonstração de alegria e regozijo. (Ibid., 1998 :272) Os momentos de exaltação dos símbolos como os desfiles dos trajes e penteados típicos, e particularmente o “parabéns” em comemoração ao aniversário da OUA, revelam a dimensão cerimonial, que é complementada pela natureza “festiva” através da dança, música, comida e bebida. As festas africanas – a música, e o ato de dançar em conjunto -, neste contexto, tem se apresentado como momento de confraternização não somente entre os africanos, mas também entre eles e os brasileiros. São performáticas, pois ao mesmo tempo em que pretendem celebrar uma integração, enfatizam a distinção.

Em todos os eventos organizados por africanos contemplados no trabalho de campo, as músicas tocadas eram primordialmente africanas ou músicas de artistas negros, americanos ou brasileiros. Gilroy (2012) enfatiza a importância de se examinar o lugar da música no Atlântico Negro, pois esta nos permite observar a autocompreensão articulada pelos músicos que a têm produzido e pelos negros que a têm escutado e celebrado. Se Gilroy nos fala de uma música intercambiante entre EUA, Europa e África, do jazz ao *Hip Hop*, é possível compreender que no contexto migratório as “novas músicas” como o zouk, o semba entre outras, também trazem a tona elementos de uma identidade negra, celebrada em nome de uma cultura que se aciona para aplacar a saudade e para reafirmar pertencimentos.

È possível vislumbrar que no contexto migratório para o Brasil, ao menos em Juiz de Fora, a identificação entre africanos e negros brasileiros se faz principalmente através das festas, das músicas e das danças, na qual celebram um arcaibouço cultural que não é diretamente o mesmo, mas é semelhante a partir do momento que são produções artísticas e musicais das quais se atribuem sua origem, mesmo que remota,

comum. Desta forma, sugiro que a história da música negra também sirva para uma reflexão acerca das interações culturais dos africanos no Brasil<sup>21</sup>.

Pérez (2012) propõe o entendimento da festa em perspectiva (*festa-fato*) para sua apreensão como perspectiva (*festa-questão*), na busca de um “horizonte compreensivo”, que insira ao tema a possibilidade de um *enfoque da coisa presente (festa-fato) para o suplemento referência à coisa (festa-questão)* (Ibid., 2012:21). Para tal fim, esta autora sugere que abordemos “princípio da reciprocidade”, da festa como um ato de reprodução da vida, e não como mera reprodução da mesma, acionando a lógica da complementariedade e da simultaneidade. Ou seja, a apreensão que segue a prerrogativa maussiana de entender as sociedades em estado dinâmico; considerando-as essencialmente, em *seu movimento como um todo, seu aspecto vivo, o instante fugidio em que as sociedades e os homens tomam consciência sentimental deles mesmos e de sua situação em face a outrem. Isto é festa!* (Ibid., 2012:34)

Para esta ultrapassagem seria preciso apreendê-la como uma questão de “contraste”, de modo a diferenciar o que é o “fato da festa instituída” do “mecanismo festivo” e assim trata-la como questão, como perspectiva (Ibid., 2012:34). Nela, eis que se abre a *experimentação humana o campo do possível, das percepções e das imagens da vida coletiva*, que não estão reduzidas a essa condição, pois referenciam e remetem à *instância do desejo, do imprevisível, do indecível, do inderteminado, da interioridade, da embriaguez mística, do excesso, do gozo*. (Ibid., 2012, 35)

Ao tentarmos refletir sobre as festas africanas, especificamente a *XV Festa Africana de Juiz de Fora* como perspectiva, o fazemos no sentido de que está atrelada a todo um imaginário social criado e recriado constantemente, por ela mesma, face ao dinamismo cultural e identitário que se apresenta a migração destes estudantes africanos para a cidade de Juiz de Fora; ao “horizonte compreensivo” proposto por Pérez, as complexas relações destes jovens na sociedade brasileira e/ ou universitária. A festa sendo um “ato surpreendentemente imprevisível”, não nos leva a um estudo dos sistemas de classificações ou de símbolos de uma cultura, seu questionamento “ultrapassa” esses

---

<sup>21</sup> Na concepção de música(s) negra(s) está imbricada a ideia de uma *identidade transcontinental*, uma “solidariedade translocal”, como apontou Gilroy na história do “Atlântico Negro”, como manifestação de um intercâmbio artístico-cultural na qual ocorre a concentração da diáspora em sua face *lúdica*. Desta perspectiva analítica se considera a questão política intrínseca à cultural, na qual a produção musical detém importante papel, como uma das características marcantes da criatividade transnacional do Atlântico Negro. A partir de uma narrativa sobre a diáspora que possibilita relacionar, combinar e unificar diversas experiências modernas das comunidades e interesses negros em diversos locais do mundo, permitindo o surgimento de culturas planetárias mais fluídas e menos fixas. (Ibid. 2012:14-15).

quadros sociais, ao colocar temporariamente os homens diante de “ uma realidade transobjetiva”; *ao se abrir a possibilidade de instâncias capazes, infinitamente, de criação e inovação*. Tais são os atributos de uma comunhão continental, exaltada na elaboração das festas, no aspecto ritualístico e performático; na elaboração dos pratos típicos e na exaltação das qualidades positivas da “cultura africana”, e seu aspecto híbrido entre o “tradicional” e o “moderno”.

É na festa em questão, que a “comunidade africana” em Juiz de Fora pode compartilhar seus atributos, por meio da exaltação que a celebração de suas “origens e (re)constituições” configuram . O “contraste”, do qual nos fala Pérez, se reflete na reafirmação destes pertencimentos – nacionais e continental -, através dos quais o “mecanismo festivo” e o “imaginário social” atuam na reavivação dos mesmos e na distinção entre africanos e brasileiros. *Na festa, a coletividade tem a possibilidade de experimentar uma outra existência que a do real socializado, uma existência que é a própria festa* (Ibid, 2012:39).

Já o conceito de cultura, tão caro a antropologia, assume aspectos diferenciados em contextos interacionais de diversidade. Se cultura para estes africanos, sua cultura, deve ser apresentada e celebrada no contexto estrangeiro como forma de afirmação no “mundo”, o importante é buscar refletir de que forma as culturas são percebidas e instrumentalizadas pelos sujeitos que a julgam pertencer. A migração – estudantil - representa mais do que um transplante cultural, implica em atos de criatividade cultural e material, através da criação de novos espaços sociais e discursos simbólicos necessários para sua organização.

Na análise antropológica atual é necessário lidar simultaneamente com a problemática de unidade e fragmentação proposta por Velho (1994), para que seja possível a reflexão sobre o trânsito dos indivíduos entre as alternativas que as sociedades deixam em aberto, compreendendo de que forma estes indivíduos levam a cabo seus projetos individuais a partir da realidade e as experiências vividas. Ser estudante, caboverdiano e africano, por exemplo, é uma forma de vivenciar o contexto migratório e universitário, identidade que não é produzida somente pelo seu contexto de origem ou a partir de escolhas objetivas do indivíduo, é produzida principalmente na forma pela qual este universo universitário o “acolhe”. Desta forma, é possível ver a identidade de forma fragmentada, ao mesmo tempo em que ilustra a maneira como os processos sociais - imbricados no processo migratório - operam de modo a tornar as “escolhas” possíveis. Dentro desta perspectiva, há o reconhecimento de que as

experiências em comum vividas pelos indivíduos – e suas culturas e identidades em fluxo – relacionam-se com a própria produção da(s) sociedade(s).

Observa-se entre esses estudantes a perspectiva sempre presente de se encontrarem e celebrarem junto à saudade e a “cultura” africana. “Cultura” aqui que aparece entre aspas, em acordo ao proposto por Cunha (2009), enfatizando a realidade dos povos “periféricos”, ou seja, povos que sofreram grandes danos nas “relações entre as culturas”, no processo de colonização, imperialismo, e posteriormente na configuração política e econômica global. Estes grupos desenvolveram uma forma de pensar e articular a noção de “cultura para si”, para que pudessem exibí-la diante do mundo, celebrando-a e utilizando-a no intuito da reparação de danos políticos sofridos durante anos de subordinação, procurando demonstra-la performaticamente.

[...] falar sobre a “invenção da cultura” não é falar sobre cultura, e sim sobre “cultura”, o metadiscorso reflexivo sobre a cultura. O que acrescentei aqui é que a coexistência de “cultura” – como recurso e como arma para afirmar identidade, dignidade e poder diante de Estados nacionais ou da comunidade internacional – e cultura - aquela rede invisível na qual estamos suspensos – gera efeitos específicos. CUNHA, 2009 :373)

A “cultura” com aspas, só pode existir num contexto onde a cultura “sem aspas” atua de modo a colocar em interação contextos culturais distintos. Como um conjunto de esquemas interiorizados que organiza a percepção e a ação das pessoas, garantindo certo grau de comunicação entre grupos sociais, a cultura – sem aspas - é compartilhada por todos em determinados contextos; no caso em questão, um complexo de pressupostos e modos de pensamento das sociedades modernas ocidentais que subsidiam a realidade das migrações estudantis.

A XV Festa Africana de Juiz de Fora, por exemplo, nos apresenta uma dimensão da manipulação dos elementos culturais africanos de modo a promovê-los e exibí-los enquanto portadores dos mesmos. As danças, os trajes, as comidas típicas são usadas como parte de uma performance que busca revigorar a inserção como estrangeiro portador de valores, costumes e condutas diferenciadas, e também da atuação política destes estudantes no Brasil. Por outro lado, terminadas as apresentações, estes estudantes trocam de roupa e desta forma não se diferenciam dos brasileiros, sob este aspecto, mas em outros mais sutis. Eles dançam, conversam, festejam e se interagem conosco, - e/ou nós com eles - o que nos leva a pensar que a cultura – sem aspas – entra em ação, de modo que neste momento, pertencemos todos a mesma configuração contemporânea, que se caracteriza pela ampliação do acesso aos meios de comunicação e a intensificação dos fluxos culturais através das redes sociais, sejam reais ou virtuais.

Um ambiente marcado por novas formas de cosmopolitismo e diálogo intercultural (ARAUJO; BARRETO, 2014).

Entender as festas africanas na cidade de Juiz de Fora em sua relação com o processo migratório dos estudantes envolvidos na elaboração das mesmas, nos levou a uma análise que abarcasse tanto a “cultura” como a cultura e a forma pela qual interagem entre si. Buscamos entender tanto a manipulação da “cultura” africana e/ou negra no universo da sociabilidade juvenil, quanto a forma com que esta se interliga ao universo da cultura mais amplo. E refletir de que forma as migrações estudantis destes estudantes operam de modo a contribuir para as reflexões acerca das (re)significações identitárias dos sujeitos imbricados no processo, e das transformações culturais e políticas num mundo em que a cultura e a “cultura”, se encontram em constante intercâmbio e renegociação.

### Referências Bibliográficas

AMARAL, Rita de Cassia de Mello Peixoto. **Festa à Brasileira - Significados do Festejar no País que 'Não é Sério'**. 1998. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-21102004-134208/>>. Acesso em: 07 de nov. 2014.

ANDERSON, Benedict: **Comunidades Imaginadas**. São Paulo. Cia das Letras, 2008.

ARAUJO, Ellen Fernanda; BARRETO, Alessandra S. **Pelo mundo: um estudo de trajetórias e mobilidade entre estudantes estrangeiras no Brasil**. XI Congreso Argentino de Antropología Social: Rosario, 23 a 26 de Julho de 2014. Disponível em: <[file:///C:/Users/USUARIO/Downloads/11caas\\_GT06\\_Barreto%20\(4\).pdf](file:///C:/Users/USUARIO/Downloads/11caas_GT06_Barreto%20(4).pdf)>. Acesso em: 23 de out. 2014.

BARRETO, Alessandra S.; DUTRA, Rogéria C. A. **Quando o campo se move: trajetórias e projetos entre redes locais e transnacionais**. Antropolítica (UFF), v.32, p.65-85, 2012.

BRASIL, Portal. Brasil.gov.br. Ministério da Educação. **Educação para estrangeiros: Programa PEC-G e PEC-PG**. Brasília, DF, 2010. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/sobre/educacao/educacao-para-estrangeiros/programa-pec-g>. Acesso em: 29 de set. 2012.

CARNEIRO DA CUNHA, Manoela. **Cultura com aspas e outros ensaios**. São Paulo: Cosac&Naify, 2009.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DUTRA, Rogéria Campos de Almeida. Nação, Região, Cidadania: A Construção das Cozinhas Regionais no Projeto Nacional Brasileiro. **Campos - Revista de Antropologia Social**. v.5, n.1 p.93-110, 2004. Disponível em: <file:///C:/Users/USUARIO/Downloads/1637-3474-1-PB%20(1).pdf>. Acesso em: 15 de out. 2014.

FONSECA, Dagoberto José. As Universidades e os trânsitos da juventude: Angola, Portugal e Brasil - olhando não só para o retrovisor; **XI Luso Congresso Afro Brasileiro de Ciências Sociais**. 08/2011. Salvador: BA, 2011. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-88392005000400006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392005000400006). Acesso em: 19 de set.2014

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2012.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de . África e Brasil no mundo acadêmico: diálogos cruzados. In: **Colóquio Internacional Saber e Poder**, 10, 2008. Campinas, UNICAMP, 2008. Disponível em: <http://www.fae.unicamp.br/focus/textos/GUSMAO%20-%20Africa%20e%20Brasil%20no%20mundo%20academico.pdf> . Acesso em:20 de jul. 2012.

LAIER. Aline Cristina. **Ensino “além mar” : trajetórias e travessias de estudantes africanos no ensino superior em Juiz de Fora – MG**. 10 mar. 2014. 175 páginas. Dissertação de Mestrado, UFJF, Juiz de Fora-MG, 2014.

MITCHELL, James Claude. **A dança Kalela: aspectos das relações sociais entre africanos urbanos na Rodésia do Norte** [1959]. [tradução encontrada na internet, cf. com o original]. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/84554153/A-DANCA-KALELA-J-C-Mitchell>>

MUNGOI, Dulce Maria Domingos Chale (2004). **“O Mito Atlântico”: Relatando experiências singulares de mobilidade dos estudantes africanos em Porto Alegre no jogo de reconstrução de suas identidades étnicas**. Dissertação de Mestrado, UFRGS, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/8028> Acesso em: 13 de ago.2012.

PÉREZ , Léa Freitas. Festa para além da Festa. In: **Festa como perspectiva e em perspectiva.**; AMARAL, Leila; MESQUITA, Wania(Orgs.). Rio de Janeiro: Garamond, 2012.p.9-43.

RIBEIRO, Cláudio Oliveira . **União Africana: possibilidades e desafios**. Disponível em> <http://www.casadasafricanas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/08/Uniao-Africana-Possibilidades-e-desafios.pdf> . Acesso em: 12 dez. 2012.

SIMMEL, Georg. **“O estrangeiro”**. In: Evaristo Moraes Filho (org.), Simmel. São Paulo: Ática. 1983. pp. 182-188.

TILLY, Charles. **Cities and Migration**. The Center for Research on Social Organization, University of Michigan. dec,1976. Disponível em: <<http://deepblue.lib.umich.edu/bitstream/handle/2027.42/50922/147.pdf?sequence=1>>.

Acesso em 03 nov.2014.

\_\_\_\_\_. Transplanted Networks. In: MCLAUGHLIN, Virginia (ed.) **Immigration Reconsidered: History, Sociology and Politics**. New York: Oxford University Press.1990. pp. 79-95.

TURNER, Victor. **O processo ritual: estrutura e antiestrutura**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

VELHO, Gilberto. Observando o Familiar.[1978] In: NUNES, Edson de Oliveira – **A Aventura Sociológica**, Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

VELHO, Otávio. Apresentação. In: **Festa como perspectiva e em perspectiva.**; AMARAL, Leila; MESQUITA, Wania(Orgs.). Rio de Janeiro: Garamond, 2012.p.9-13.

WERBNER, Pnina. The translocation of culture: ‘community cohesion’ and the force of multiculturalism in history. **The Sociological Review**, 2005. p.745-768. Disponível em: <[http://www.readcube.com/articles/10.1111%2Fj.1467-954X.2005.00594.x?r3\\_referer=wol&tracking\\_action=preview\\_click&show\\_checkout=1&purchase\\_referrer=onlinelibrary.wiley.com&purchase\\_site\\_license=LICENSE\\_DENIED\\_NO\\_CUSTOMER](http://www.readcube.com/articles/10.1111%2Fj.1467-954X.2005.00594.x?r3_referer=wol&tracking_action=preview_click&show_checkout=1&purchase_referrer=onlinelibrary.wiley.com&purchase_site_license=LICENSE_DENIED_NO_CUSTOMER)>. Acesso em: 23 out. 2014